

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção

Campus Santana

PAULO ROBERTO DOS SANTOS FERREIRA

**DO SÁBADO JUDAICO AO DOMINGO
CRISTÃO: O SHABAT E A CELEBRAÇÃO
EUCARÍSTICA**

PUC-SP
2022

PAULO ROBERTO DOS SANTOS FERREIRA

**DO SÁBADO JUDAICO AO DOMINGO CRISTÃO: O SHABAT E A
CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
Bacharel em Teologia, sob a orientação do
professor Pe. Tiago Gurgel do Vale

PUC-SP

2022

PAULO ROBERTO DOS SANTOS FERREIRA

DO SÁBADO JUDAICO AO DOMINGO CRISTÃO: O SHABAT E A CELEBRAÇÃO
EUCARÍSTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
Bacharel em Teologia, sob a orientação do
professor Pe. Tiago Gurgel do Vale

Trabalho aprovado em: _____/_____/_____

Professor Pe. Tiago Gurgel do Vale

Orientador

Revisor de Metodologia

*No primeiro dia da semana, estando
nós reunidos para a fração
do pão [...] At 20,7*

*Por vezes sentimos que aquilo que fazemos
não é senão uma gota de água no mar.
Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.
Madre Teresa de Calcutá*

Dedico este trabalho à minha esposa, meus filhos, aos meus colegas de classe, ao corpo docente da PUC/SP e a todos aqueles que, direta ou indiretamente, me ajudaram ao longo desta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que estiveram comigo nessa caminhada e contribuíram de alguma forma para que eu chegasse até aqui, em especial:

A Deus, que me deu a vida e me chamou para ser “operário em sua vinha”.

À minha esposa Renata, por todo apoio e por compreender com muito amor minha vocação ao Diaconato Permanente. Agradeço pelo seu incentivo e por não permitir que eu desistisse diante das dificuldades. Obrigada pelo seu amor incondicional ao longo dos anos em que estamos juntos e por sua dedicação à nossa família.

Aos meus filhos Mariana e Lucas, agradeço por toda compreensão pelas ausências e paciência ao longo dessa jornada. Amo vocês incondicionalmente.

Ao Instituto das Irmãs Missionárias da Imaculada Rainha da Paz, especialmente irmãs Lorenza, Rita e Maurícia, por todas as orações e por me acompanharem e orientarem nessa trajetória. O apoio de vocês foi fundamental para que eu chegasse até aqui.

Agradeço de maneira especial à Congregação Oblatos de São José e ao Padre Paulo Sérgio Rodrigues por todo apoio, confiança e orações.

A todos os meus colegas de classe que compartilharam comigo o desafio dessa jornada. Especialmente Glauco, Ronaldo, Alessandro, Reginaldo e Wagner, que comigo aceitaram este chamado desafiador à Vocação Diaconal.

Ao corpo docente desta nobre instituição, por suas lições e ensinamentos valiosos. Deixo um agradecimento especial ao professor Tiago, por aceitar o desafio de ser meu orientador. Obrigado professor por toda compreensão com as minhas dificuldades, incentivo e dedicação ao meu trabalho.

Aos meus pais Eugênio e Benilde que intercedem por mim lá do Céu e à minha querida madrinha Ilíria que aos 102 anos, minha eterna catesquista e que não cessa suas orações por mim e por minha vocação.

Por fim, quero agradecer a esta Universidade e uma vez mais ao seu seletor corpo docente, que sempre demonstrou estar comprometido com a qualidade e excelência do ensino.

RESUMO

O shabat é um regimento divino para o bem-estar do homem, abrangendo o cuidado com a saúde, e uma maneira de evitar a ganância. É dessa maneira que a história da salvação tem início: uma grande aventura de Deus com o seu povo, desde a criação, tal como relatado no livro do Gênesis. Refere-se a uma resenha de amor e bondade, através da qual a inquietação do Criador é com o bem-estar de suas criaturas, especialmente, da obra-prima de suas mãos – o homem e a mulher, criados à sua imagem e semelhança. Deus está permanentemente agindo em favor da salvação de todos. A atuação de Deus em sua criação é, em todas as suas configurações, um agir do Pai por meio do Filho e do Espírito Santo. “O Criador é, antes de tudo, o Pai. De sua paternidade se explica a sua onipotência, paternidade e bondade sem rivalidades, sem conflitos de poderes. Deus cria com a presença materna de seu Espírito.”¹ É esta complacência de Deus que, de fato, celebra-se na liturgia cristã da nova e eterna Aliança.

A ressurreição de Cristo é o ponto de partida para o desenvolvimento da teologia dominical. A partir desse evento, os Apóstolos compreenderam que esse dia necessitaria ser rememorado como memorial pascal da nova e eterna Aliança. O domingo concebe, portanto, o novo tempo do culto cristão, deixando o sétimo dia, o sábado judaico, para então se tornar o primeiro dia da semana como o dia santo.

O domingo apropria-se também de um panorama escatológico, chamado de oitavo dia, ou seja, o domingo que não termina, não tem fim e, para a vida da Igreja embrionária, é um dia especial de culto.

Esse trabalho preconiza, então, construir um caminho de reflexão sobre a teologia do domingo, e a celebração judaica do Shabat tendo em vista que, desde o Concílio Vaticano II, o domingo tem sido celebrado com a inspiração de uma participação plena, ativa e consciente. Para esse propósito, utilizou-se uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, alicerçada na Sagrada Escritura, na Tradição, Magistério e Documentos da Igreja, bem como na leitura de diversos estudiosos no assunto.

¹ SUSIN, L. C., A criação de Deus. São Paulo: Paulinas, 2003, p.84.

Palavras-chave

Teologia do domingo; Shabat; Sagrada Escritura; Concílio Vaticano II

ABSTRAT

Shabbat is a divine regiment for man's well-being, encompassing health care, and a way to avoid greed. This is how the history of salvation begins: a great adventure of God with his people since creation, as recounted in the book of Genesis. It refers to a review of love and kindness, through which the Creator's concern is with the well-being of his creatures, especially the masterpiece of his hands - man and woman, created in his image and likeness. God is permanently working for the salvation of all. The action of God in his creation is, in all its configurations, an action of the Father through the Son and the Holy Spirit. "The Creator is, first of all, the Father. From his paternity one explains his omnipotence, paternity and goodness without rivalries, without conflicts of powers. God creates with the maternal presence of his Spirit."¹ It is this beneficence of God that, in fact, is celebrated in the Christian liturgy of the new and eternal Covenant.

The resurrection of Christ is the starting point for the development of Sunday theology. From that event, the Apostles understood that this day would need to be remembered as a paschal memorial of the new and eternal Covenant. Sunday, thus, conceives the new era of Christian worship, leaving the seventh day, the Jewish Sabbath, to then become the first day of the week as the holy day.

Sunday also appropriates an eschatological panorama, called the eighth day, that is, the Sunday that does not end, has no end and, for the life of the embryonic Church, is a special day of worship.

This work advocates, then, to build a path of reflection on the theology of Sunday, and the Jewish celebration of Shabbat, considering that, since the Second Vatican Council, Sunday has been celebrated with the inspiration of a full, active and conscious participation. For this purpose, a qualitative and bibliographical research was used, based on Sacred Scripture, Tradition, Magisterium and Church Documents, as well as on the reading of several scholars on the subject.

¹ 1 SUSIN, L. C., *A criação de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003, p.84.

SUMÁRIO	9
RESUMO.....	6
ABSTRAT.....	7
INTRODUÇÃO.....	10
1. DO SÁBADO JUDAICO AO DOMINGO CRISTÃO.....	13
2. A CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA	29
3. O SHABAT.....	39
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

INTRODUÇÃO

Pelo rito judaico, o Shabat habitualmente inicia-se ao anoitecer de sexta-feira e prolonga-se até o pôr-do-sol de sábado, corresponde ao sétimo dia da semana judaica. A origem etimológica da palavra Shabat, em hebraico, está associada ao verbo shvat, que significa “cessar”. Embora seja traduzida habitualmente como descanso, uma tradução mais fiel seria “cessação” (suspensão), no sentido de parar o trabalho. Sendo assim, Shabat pode ser compreendido como o dia em que Deus cessou seu trabalho de criação; concentrando o conceito de descanso subjacente.

De acordo com a Bíblia, em Gênesis, Deus criou o mundo em seis dias consecutivos e ao criar todas as coisas e vendo a sua obra terminada, descansou e santificou o sétimo dia, o sábado (cf. Gn 2,2-3). Também, na Lei de Moisés, o Senhor diz para o povo se lembrar da santificação do sábado (cf. Ex 20,8). O próprio Jesus, sendo judeu, cumpriu o preceito do sábado. Essa belíssima exegese da Criação termina com o chamamento ao descanso. É merecimento de todo trabalhador dispor de um dia reservado ao descanso e louvor a Deus. Para o povo judeu, esse dia é o Shabat, o sétimo dia da Criação. Nele Deus repousou.

A teologia da Shabat vivenciada pela tradição de Israel apresentará ecos na teologia do domingo. Isto deve-se graças à escuta de Israel na Igreja. Dessa forma, a comunidade cristã ao praticar os preceitos dominicais, manteve-se ligada a prática da Shabat.

Cabe destacar como ocorreu a mudança relacionada ao dia do descanso do sábado (sétimo dia) para o domingo (primeiro dia). O legado cristão de santificação do domingo jaz suas raízes no belíssimo episódio da Ressurreição de Jesus Cristo. Esse mistério enigmático e inexplicável de amor, o maior de todos, fez com que a atenção cristã se dirigisse para o primeiro dia da semana como o mais santo e divino de todos, afinal era o primeiro dia da semana (domingo) quando as mulheres foram ao túmulo e o encontraram vazio.

O cristianismo considera que nenhum outro dia é mais santo do que o domingo, em que Jesus venceu a morte e libertou a humanidade terminantemente do pecado. Tornar esse dia Santo foi decisão unânime da comunidade cristã, que desde o princípio passou a se agrupar para rezar sempre aos domingos. Importante destacar inclusive, que o nome

desse dia vem dessa experiência pascal – dies domini – o dia do Senhor, o Domingo! Dessa forma, a tradição religiosa judaico-cristã discute a necessidade haver um dia reservado ao louvor ao Senhor e ao descanso físico e espiritual.

Ainda para o Cristianismo Jesus veio trazer à Lei da Antiga Aliança a plenitude, dessa maneira, consumou plenamente o descanso do sábado no silêncio do sepulcro, no sábado santo, e estabeleceu a nova criação, a Nova e Eterna Aliança, no Domingo da Ressurreição. Assim sendo, o Domingo, para os cristãos, converte-se no Dia do Senhor, o oitavo dia e também o primeiro dia da nova criação, que não mais está devotada à lei e ao pecado, mas que foi enfim libertada do poder da morte e do pecado pela ressurreição de Jesus.

A vida litúrgica da Igreja objetiva-se primordialmente em oferecer uma experiência do amor que a todos ama e dá a vida e, portanto, é digno de ser celebrado e exaltado. O fazer memória, a que o culto cristão chama, assenta para não esquecer as ações e feitos de Deus praticados em favor do seu povo, o que não é um fato meramente passado, mas um agir no hoje, pois sua “Palavra é viva e eficaz” (cf. Hb 4,12).

Deus procede em benevolência do homem e da mulher e essa ação necessita ser recordada e celebrada. Refere-se, então a uma aliança entre Deus, fiel; e o ser humano que, por vezes, introverte-se ao amor e não corresponde. Desponta então o culto, a liturgia, como uma forma de rememorar aquilo que Deus fez; revive e, concomitante, confirma, a história da salvação, do qual o ponto culminante encontra-se na mediação de Cristo. A liturgia é “ação de Deus servindo e santificando seu povo, fazendo-o passar da morte para a vida.”² A presença de Deus peregrino, conduzindo o desenrolar da história, já descrita na peregrinação do seu povo rumo à terra prometida, arma a sua tenda junto ao povo e renova a esperança. A tenda de Deus se chama Jesus Cristo que, na linguagem de João, torna-se muito evidente, deixando claro que, por ele, a Palavra Criadora age, operando a salvação aqui na terra (cf. Jo 1,14).³

Face ao que foi discorrido acima, elegeu-se discorrer uma conceituação central da teologia litúrgica, com o propósito de abarcar a sua gênese, a sua formação, o seu crescimento e a sua conscientização: tratando, portanto, da concepção e da teologia do domingo.

² BUYSTI, I.; ARIÓVALDO, J. S. O mistério celebrado. Memória e compromisso. São Paulo: Paulinas, v. I, 2003.

³ BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2000. Doravante será usada em todas as citações bíblicas a edição da Bíblia de Jerusalém, não sendo mais especificada.

A pesquisa inicia-se a partir do sábado como uma vivência religiosa do povo de Israel, uma instituição divina. Todavia, o sábado é um preparo para o novo dia, o primeiro da semana, quando o Pai ressuscita seu filho Jesus Cristo. A força, o valor e a grandeza do ato do Pai em ressuscitar o Filho garantem que o mal não prevaleça.

A ressurreição de Cristo concebe, do primeiro dia da semana, o dia principal de restauração da fé e de libertação da disposição ao mal, visto que, escutando a Palavra e partindo o Pão, todos são transformados em Cristo, renascidos e restaurados como novas criaturas.

Importante destacar que sabe-se dos limites da pesquisa no que se refere ao domingo, visto que trata-se de uma temática encantadora e profunda e que está sendo constantemente redescoberta. Contudo, a contar da teologia do Concílio Vaticano II, especialmente na Constituição Sacrosanctum Concilium, nasce uma visão mais refulgente sobre o domingo e sua celebração. O Concílio apresenta o domingo como “núcleo e fundamento do Ano Litúrgico.”⁴

Discorrer sobre o Shabat é primordial e essencial para a compreensão do domingo. A começar do evento da criação, dialoga-se do sábado como caminho de fidelidade, de culto e de aliança com Deus. Contemplar o sábado é o mesmo que reproduzir o criador que, no último dia da criação, descansou. Por meio da aliança realizada entre Deus e Israel (cf. Dt 5,15), a ordenança de guardar o sábado foi como uma lembrança a Israel da libertação do Egito, quando o povo era escravo, e agora sendo livre, poderia até descansar um dia na semana (cf. Ex 31,16-17).

⁴ CONSTITUIÇÃO Sacrosanctum Concilium. Sobre a Sagrada Liturgia. In: Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações. 31.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015, n. 106. Doravante usaremos a mesma edição. E em todas as citações da referida Constituição usaremos as siglas SC.

1. DO SÁBADO JUDAÍCO AO DOMINGO CRISTÃO

O primeiro capítulo deste trabalho trata do sábado judaico, dia em que se relembra o descanso de Deus após o término da criação.

Do Shabat, advém toda a experiência para a experiência futura e observância do domingo, tanto quanto a temos hoje. O sábado da criação não dispôs da manhã e nem da tarde, prelúdio do dia sem fim. Do sábado, passa-se ao domingo, que deriva da experiência da ressurreição de Jesus Cristo. Integralmente os relatos evangélicos certificam o evento da ressurreição de Jesus como a implementação de todas as promessas de Deus a Israel e se tornarão, por conseguinte, o ponto de partida para que a comunidade cristã comece a celebrar o “primeiro dia da semana”.

O dia preambular, exposto na teologia dos santos padres, por uma perspectiva, relembra a criação, aquele primeiro dia em que Deus criou a luz (cf. Gn 1,3-5) e, por outro lado, rememora a narrativa evangélica, a qual nos constata que a ressurreição de Cristo se deu no primeiro dia da semana (cf. Mc 16,2). Assim sendo, o domingo passa a ser determinante na vida espiritual do cristão.

O que se propõe em expor é o advento do domingo que celebra toda a história da salvação delineada por Deus. A salvação, instituída no passado, alcança seu vértice em Cristo e aguarda o sua consumação. O Concílio Vaticano II representa, na vida da Igreja, o acontecimento eclesial mais importante do século “e o Espírito do Senhor vinha preparando havia muito tempo novos caminhos.”⁷. Diversas foram as renovações possibilitadas pelo Concílio Vaticano II, contudo, a primeira e maior delas foi, incontestavelmente, referente à Sagrada Liturgia da Igreja.

Todo processo de renovação somente é possível por meio do descobrimento de suas raízes, sejam elas histórica, cultural ou espiritual. É legítimo afirmar que isso também é válido ao Cristianismo, que deriva do judaísmo.

⁷ MARINS, J., Fomos a um Concílio. A surpresa do Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2015, p.10.

Reconhecer e redescobrir suas as origens não sugere afastar-se do hoje, e sim recuperar as raízes que são a base e o sustento da jornada histórica do cristianismo. Nesse sentido, não cabe iniciar este trabalho – cujo objetivo primordial está relacionado ao sentido do domingo, bem como à celebração eucarística – sem antes reaver o sentido do sábado como berço da tradição vivida por Jesus como judeu.

A Sagrada Escritura bíblica afirma e atesta a natureza estética da revelação de Deus. O feito de se revelar, Deus age como Ágape, aquele que cuida das suas criaturas. “Deus se revela sempre, em todas as partes, a todos quantos lhe é ‘possível’, na generosidade irrestrita de um amor sempre em ato, que se quer dar plenamente.”⁸. A revelação é um acontecimento onde Deus somente pode ser encontrado com a graça Dele, que se dá a conhecer.

Dada a importância que se tem a teologia do sábado, em que se colhe toda a Tradição cristã, e uma vez que “desta liturgia, dos seus símbolos e dos seus ritos, dos ecos e do seu silêncio, alimentaram-se o próprio Jesus, a Virgem Maria, os Apóstolos, as comunidades primitivas, os primeiros cristãos”⁹, a relevância passa a ser a de interpelar o shabat por meio de três aspectos importantes: o descanso, a aliança e o culto. O percurso será traçado a partir do livro do Gênesis, visto que o livro finaliza a narrativa da criação percorrendo o sábado como o sétimo dia, período em que tudo é levado à plenitude, porque Deus o abençoa e, nesse dia, descansa de toda a sua obra (cf. Gn 2, 2-3). “O relato inicial da criação, no Gênesis, desagua no sábado.”¹⁰

A fundamentação do sábado está no ato mesmo da criação, como reprodução do descanso do Criador. A contemplação do sábado judaico é marcada pela lei do repouso. É, portanto, dia de oração e meditação, consagrado a Deus. A palavra shabat significa precisamente descanso. É um regimento divino para o bem-estar do homem, abrangendo sua saúde e limitando a sua ganância. Simultaneamente, tal dia torna-se o símbolo que determina o ritmo da vida semanal e também o centro da identidade cultural de um povo.

⁸ QUEIRUGA, T. A., Repensar a Revelação. A Revelação de Deus na realização humana. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 15.

⁹SANTE Di C. Liturgia Judaica. Fonte, Estruturas. Orações e Festas. São Paulo: Paulus, 2004, p. 18.

¹⁰ SUSIN, L. C., A., op., cit., p. 80.

Em Gênesis, a narração da criação encerra com o descanso do Criador: “Deus concluiu no sexto dia a obra que fizera e no sétimo dia descansou, depois de toda a obra que fizera” (cf. Gn 2,2). “Assim, depois de criar, em cada tempo, em cada “dia” escandido pelas tardes e manhãs, os elementos todos em duais fecundos, o Criador “cria” um tempo sem ações e sem criações.”¹¹.

O dia em que Deus descansou passa a ter então um sentido de bênção e de santidade, um modelo que Deus nos ofereceu para ser observado: “Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou depois de toda a sua obra de criação” (cf. Gn 2,3). A completa narrativa da criação se encaminha para confirmar a importância do sétimo dia da semana como o ponto alto, uma forma de Deus contemplar a obra por Ele criada. Nesse sentido, pode-se dizer que o estabelecimento do sábado aconteceu de forma magnífica e sagrada.

O sábado, porém, é uma das instituições cuja proveniência do ambiente mesopotâmico, hoje em dia, parece certa e a que a cultura hebraica deu a sua interpretação própria, nela introduzindo conteúdos originais. O que mais impressiona quem percorre a tradição bíblica, e, portanto, o que melhor caracteriza o sábado, é o repouso absoluto.¹²

A majestosa obra criadora de Deus, em Gênesis, diz respeito ao sábado, que foi abençoado e santificado pelo Senhor. “A eleição do sétimo dia e não outro nos remete à liberdade do amor de Deus.”¹³. Ou seja, a instituição do sábado é símbolo salvífico, remete ao amor de Deus pela humanidade ao abençoar e tornar santo o tempo como leito do seu repouso. O sábado é um modo de Deus se revelar como um Deus que ama, que se preocupa com a criatura, quando lhe propõe o descanso. “A experiência reveladora, para sê-lo e tornar-se consciente, tem que ser vivenciada como manifestação de Deus.”¹⁴. Deus demonstra imenso prazer, encanta-se com sua criação e chama todas as criaturas a serem agradecidas por tudo que Ele fez com suas mãos belas e suaves e a todos ofertou.

¹¹ SUSIN, L. C., A., op., cit., p. 81.

¹² BRANDOLINI, L. “Domingo”. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (org.). Dicionário de Liturgia. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 305-318.

¹³ BIANCHI, E. *Giorno del Signore, giorno dell'uomo: per un rinnovamento della domenica*. Casale Monferrato: Edizioni Piemme, 1999, p. 32.

¹⁴ QUEIRUGA, T. A., op. cit., p. 32

Assim, o sábado convida, antes de tudo, à reverência e à gratidão diante do Criador e da sua criação. Se a narrativa da criação representa de qualquer modo também uma fundação do culto, isto é, significa em todo caso que o culto, seja na sua forma ou em seu conteúdo, é, necessariamente, uma relação também com a criação toda.¹⁵

Nesse sentido, observa-se que o sábado tem relação direta com Deus propriamente dito e com sua criação. A criatura compreende e sent-se na obrigação de estabelecer uma relação diferenciada com a obra criada. Diante disso, o memorial do sábado, dia que honra a obra criadora, é, além de período de descanso, reconhecimento da soberania do Criador, Senhor do tempo e da história; é uma forma mística de o Criador ver e proclamar que tudo é bom, “Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom...” (cf. Gn 1, 31).

O sétimo dia da criação tornar-se-á, então, a ser precisamente considerado pelo povo hebreu, porque “o sábado é, em primeiro lugar, um tempo que Deus cria para si mesmo na criação. No tempo sabático, Deus é o primeiro a ‘cessar’ seu trabalho de criação e entrar no repouso sabático, na contemplação de sua obra.”¹⁶ Podendo ser observado nas primeiras páginas do livro do Gênesis, em que diz que o trabalho de Deus é modelo para o homem que deve em tudo reproduzi-lo.

Pois o homem, criado à imagem de Deus, recebeu o mandamento de dominar a terra com tudo o que ela contém e governar o mundo na justiça e na santidade e, reconhecendo Deus como Criador universal, orientar-se a si e ao universo para ele; de maneira que, estando todas as coisas sujeitas ao homem, seja glorificado em toda a terra o nome de Deus.¹⁷

Deus ocupa-se e ordena à criação o trabalho criador, que estabelece a criatura e a faz constituinte ativa de todo feito da criação: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que

¹⁵ RATZINGER, J. *Opera omnia* teológica della liturgia. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013, p. 281.

¹⁶ SUSIN, L. C., A., op., cit., p. 82.

¹⁷ CONSTITUIÇÃO VATICANO II Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes*: sobre a Igreja no Mundo de Hoje. In: *Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações*. 31.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015, n. 106. Doravante, serão usadas em todas as citações da referida Constituição as siglas GS rastejam sobre a terra” (cf. Gn 1,28).

Fundamentado nisso, é legítimo considerar o sábado como uma referência para o repouso humano visto que, se o Criador “descansou”, da mesma forma, o homem – que é a maravilha perfeita de sua sabedoria – deve igualmente descansar de todo o trabalho semanal. Essa particularidade do “repouso” divino vai se desenvolvendo gradativamente e concedendo e assegurando as premissas para o nascimento do dia sagrado dos judeus.

Lembra-te do dia do sábado para santificá-lo. Trabalharás durante seis dias e farás toda a tua obra. O sétimo dia, porém, é o sábado do Senhor teu Deus. Não farás nenhum trabalho, nem teu animal, nem o estrangeiro que está em tuas portas. Porque em seis dias o Senhor fez o céu, a terra, o mar e tudo o que eles contêm, mas repousou no sétimo dia; por isso o Senhor abençoou o dia do sábado e o santificou.¹⁸

Contudo, o repouso do criador “não pode ser interpretado de forma banal, como uma espécie de ‘inatividade’ de Deus. De fato, o ato criador, que está na constituição do mundo, é permanente por sua própria natureza.”¹⁹ Deus jamais deixa de agir, Ele leva a faz acontecer sua obra e, simultaneamente, dela se agrada..

O sábado, na verdade, é elemento central de toda a economia da primeira aliança e essencial, até mesmo constitutivo, da qualidade de Israel como povo de Deus dentro da história, representando o vértice daquele ritmo semanal hebraico que foi depois herdado pelo cristianismo.²⁰

É legítimo afirmar que o povo de Israel, completando o sentido do dia do descanso semanal, reconhece e glorifica a ação de Deus. O descanso relacionado ao sábado vai passar a significar uma identificação da bondade do Criador. Descansando no sétimo dia, o homem celebra, testemunhando a bênção do sábado. É uma devoção ao Deus da criação, que exalta e abençoa o trabalho do homem com fertilidade, ao mesmo tempo em que restaura as suas energias.

Uma vez que o sábado traz em si a perspectiva do descanso como uma maneira de refletir o Criador que ao findar a criação repousa, incorporamos outra perspectiva do sábado: a Aliança feita com o povo que sai rumo à terra prometida onde “Israel não parte

¹⁸ Cf. Ex 20, 8-11.

¹⁹ JOÃO PAULO II. *Dies Domini*. Sobre a santificação do Domingo. São Paulo: Paulus, 1998, n. 11.

²⁰ BIANCHI, E., op, cit., p. 17.

para ser um povo como todos os outros povos, parte para servir a Deus.”²¹ Após a narrativa do Sinai (cf. Ex 31, 12-17), o sábado se converte também no memorial da aliança de Deus com seu povo, recomeçada a cada sete dias.

O respeito à guarda do sábado é correlacionada, nas Escrituras, à fidelidade a Deus de um povo que o serve. Embora a Aliança que Deus celebra com Moisés não seja a primeira na literatura bíblica – pois já havia celebrado aliança com Noé, com Abraão e, assim, com toda a humanidade, é essencial saber o contexto em que foi feita a aliança do Sinai.

Primeiramente, é fundamental salientar como Deus se mostra a Moisés, assim dizendo, que Deus é aquele que faz aliança com o povo de Israel. Deus se apresenta a Moisés como Deus de Abraão, Isaque e Jacó (cf. Ex. 3,15-16; Ex.4,5). Ele se apresenta dessa maneira, antes da aliança do Sinai, por que a aliança do Sinai está fundamentada numa aliança anterior (cf. Ex 6,2-5 Gn 17,1-8), a aliança que Deus anteriormente havia feito com Abraão, Isaque e Jacó. O resgate do povo de Israel e a aliança do Sinai estão internamente ligadas à aliança anterior feita aos patriarcas (Abraâmica)

Em Israel, o sábado é uma das leis mais antigas e originais do Código da Aliança, que o estatuto de universalidade ao se dirigir, como lei, aos senhores para que a cumprissem sem favor dos outros: tu, mas também tua filha e teu filho, teu servo e tua serva, o estrangeiro que mora contigo, teu animal e carga e de canga farão uma interrupção, ou seja, um sábado, depois de seis dias de trabalho. (cf Ex 20,8). É o dia de descanso ‘para todos’, sem privilégio, uma santa greve.”²²

A Aliança com o povo de Israel, no Sinai foi determinada por um diferencial. Uma aliança celebrada solenemente, no qual a conversa entre Deus e o seu povo é reassumido. “O sábado é, portanto, definido com a linguagem típica da aliança, como um ‘sinal entre Eu e vocês’ (cf. Ex 20,20; Ex20,12)”.²³

A aliança sela a união de um Deus que se faz amigo do homem. “A aliança com a divindade é um modo de expressar as relações entre Deus e os homens”.²⁴

²¹ RATZINGER, J., Introdução ao Espírito da liturgia. São Paulo: Loyola, 2013, p.14.

²² SUSIN, L. C., A., op., cit., p. 80.

²³ BIANCHI, E., op, cit., p. 51

Deus vai ao encontro dos israelitas, oferecendo-se a Si mesmo com o intuito de lhe comunicar o desígnio de Sua benevolência e Seu amor²⁵.

A atitude de Deus, que através de sua revelação comunica-se, é graça e disposição amorosa. Ele, em sua bondade imensa e indeterminada e liberdade, revela-se na história, direciona-se ao coração do ser humano e aguarda dele uma ação. O homem não é um ser passivo na aliança. De tal maneira, tão importante quanto a iniciativa de Deus que objetiva em salvar é o retorno do homem, ainda que, diversas vezes, a deslealdade leve ao rompimento da aliança. Contudo, Deus, eternamente fiel, compromete-se a uma nova aliança. Nesse sentido, no que se refere à conexão entre a criação e a aliança, poderíamos destacar que uma e outra se completam.

A partir daí, assim define-se a intenção das narrativas sobre a criação: a criação existe para que haja um lugar para aliança que Deus quer selar com o ser humano. O objetivo da criação é a aliança, a história de amor entre Deus e o homem [...]. Somente se está em aliança com Deus o homem se torna livre, e somente assim se manifesta a igualdade e a dignidade de todos os seres humanos. Se tudo deve ser redirecionado para aliança, então é importante reconhecer que a aliança é relação: é um doar-se de Deus ao homem, mas também um responder do homem a Deus. A resposta do ser humano a um Deus que é bom com ele chamasse “amor”, e amar a Deus significa adorá-lo. Se a criação é entendida como um espaço da aliança, lugar do encontro entre Deus e o ser humano, isso significa que é pensada também como lugar de adoração [...]. A criação espera a aliança, mas a aliança completa a criação e não lhe é indiferente.²⁶

Na apresentação da lei, Deus ordena Moisés para se confirmar e certificar-se que o povo aprovaria o que estava para ser firmado entre Ele e Israel. O ponto crucial é que Deus quer gerenciar os filhos de Israel, mas através do direito e não do poder; e por meio do amor. Por esse motivo que, na jornada do povo de Deus, o sábado ganha perceptibilidade. Ainda nesse sentido, o sábado começa a ser celebrado como manifestação da aliança, uma forma de a comunidade demonstrar o amor e a fidelidade a Deus.

²⁵ O Deus da eleição é também o Deus da aliança. Não é fácil determinar o sentido exato do termo berit. Comumente tem sido traduzido por aliança. Evidentemente, trata-se de uma aliança muito peculiar, bem diversa do pacto ou aliança entre os homens, onde o elemento jurídico é determinante. “No pacto teológico, Iahweh escolhe livremente Israel como povo e este, por sua vez, compromete-se ao serviço exclusivo e à obediência a Iahweh.” (cf. RUBIO, A. G. Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulus, 2006, p. 138.)

²⁶ BENTO XVI. op, cit., p. 22-24

O sábado surge nos dez mandamentos da lei de Deus à Moisés, sendo unicamente fundamentado na criação, revelando que esse dia, efetivamente, não incumbindo ao homem e às obras de suas mãos, e sim ao Senhor. “O sétimo dia é considerado o encerramento da criação.”²⁷. Essa afirmativa lembra, verdadeiramente, que a criação e a aliança, do princípio ao fim, estão unidas, como declara o Cardeal Ratzinger: “o criador e o redentor não podem ser senão o único e mesmo Deus”.²⁸ A criação converte-se o lugar da aliança.

O Senhor disse a Moisés: fala aos filhos de Israel e dize-lhes: observareis de verdade meus sábados, porque são um sinal entre mim e vossas gerações, a fim de que saibais que eu sou Senhor, o que vos santifica. Observareis, pois, o sábado, porque é uma coisa santa para vós. Quem profanar será castigado com a morte. Tudo o que realizar nele algum trabalho será retirado do meio do povo. Durante seis dias poder-se-á trabalhar; no sétimo, porém, se fará repouso absoluto, em honra do Senhor. Todo aquele que trabalhar no dia do sábado deverá ser morto. Os filhos de Israel observarão o sábado, celebrando-o de geração em geração, como uma aliança eterna. Será um sinal perpétuo entre mim e os filhos de Israel, porque em seis dias o Senhor fez os céus e a terra; no sétimo dia, porém, descansou e tomou alento.²⁹

Esse trecho comunica com transparência que o sábado foi um marco importante especial entre Deus e Israel. No trecho ainda fica claro e compreensível o chamado a “observá-lo”. Declarado pela voz de Deus como gesto da aliança, o sábado é uma referência na história, expressão de uma aliança específica, eterna, entre Deus e Israel. E é apenas a contar dessa aliança que Israel estabelece a preservar o sábado como dia santo. “O sábado testemunha a presença de Deus no tempo, presença escrita na vida do homem, em todas as criaturas que existem sobre a terra, para não se esquecer da presença Dele no meio de seu povo.”³⁰

A temática da aliança recobra, então, o ponto central no pensamento religioso israelita. Deus propõe e a comunidade de Israel acolhe, visando à integridade do povo. A aliança, então, inaugura uma conversa afetiva, reunindo uma linguagem comum. Ademais, ao professar pela obediência da Lei, Moisés “tomou o livro da Aliança e o leu para o povo; e eles disseram: ‘tudo o que o Senhor falou, nós faremos e obedeceremos’.”

²⁷ WILLI-PLEIN, I., *Sacrifício e culto. No Israel do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 65.

²⁸ RATZINGER, J., op. cit., p. 281.

²⁹ Cf. Ex 31,12-18.

³⁰ BIANCHI, E., op. cit., p. 46.

(cf. Ex 24,7). Nesse sentido de obediência estava inserida a observação do sábado como dia santo.

E o sábado é primordial para o culto e adoração. De uma maneira especial, todo sétimo dia faz um convite à adoração a Deus, para santificar e abençoar o tempo e a vida a Ele. Nesse sentido, encontramos uma terceira expressão do sábado: o culto. No sábado, o homem, ao encerrar seu trabalho, teria a oportunidade de meditar sobre a união e sua relação com o Senhor. O sábado ainda é por relevância, o dia destinado à escuta da Palavra de Deus. A comunidade, que por conta do trabalho, encontra-se dispersa no decorrer da semana, reunia-se para um “culto de reconhecimento, louvor e agradecimento.”³¹

Em determinados períodos da história do povo de Deus, o sábado foi vivenciado com esperança, imensa espiritualidade, e com uma profunda preparação para o dia do repouso e da festa que estava chegando. É por essa razão que o dia que antecede o sábado, a sexta-feira, era também chamado de dia da preparação.³²

O culto tem como finalidade conduzir o povo à paz, “à união daquilo que está no alto com aquilo que está embaixo. O culto é a tentativa, presente ao longo de toda a história, de superar a culpa e de reconduzir, assim, à ordem correta o mundo e a própria vida.”³³ O sábado, como sinal da aliança entre Deus e o povo, leva à acolhida do mesmo como memorial.

A festividade do sábado judaico tinha início em casa, com a elaboração da mesa. Todo simbólico envolvendo a celebração do sábado relembra a apresentação da criação do mundo: as luzes eram acesas anunciando uma pregação de bênção, as roupas eram festivas para conduzir-se à sinagoga e ouvir salmos, e de 7 trechos da Torah.

³¹ SUSIN, L. C., A., op., cit., p. 81.

³² A sexta-feira era o dia em que as famílias preparavam os alimentos do dia seguinte, as velas eram acesas pela “mãe, cercada pelos filhos mais novos, enquanto o pai, com os filhos mais velhos, encontrava-se na sinagoga para acolher o sábado, juntamente com a comunidade.” Cf. SANTE Di C., op. cit., p. 170. Dessa forma os preparativos deveriam ser feitos, uma vez que o sábado trazia consigo uma série de proibições. Assim, todos poderiam repousar e fazer festa. O espírito do sábado inicia-se já durante a sexta-feira, com os preparativos, um dia de espera. Para o hebreu, o shabat inicia-se na véspera, ou seja, ao pôr do sol da sexta-feira e termina como o pôr do sol do sábado.

³³ BENTO XVI. op, cit., p. 31.

³⁴ Berakah, normalmente traduzido como bênção ou também admiração, louvor, agradecimento, é um dos termos que condensa toda a riqueza e originalidade do pensamento hebraico; talvez o termo, por excelência, por meio do qual se resume a antropologia hebraica: o seu modo de colocar o homem diante de Deus e defronte ao mundo. De fato, a berakah define a tríplice relação: com Deus, com o mundo e com os semelhantes. (cf. SANTE Di C., op. cit., p. 47).

Após as orações do período da manhã ofertas eram feitas. Na sequência, prolongava-se, em família, o almoço. Ao pôr do sol, presenciava-se o culto da separação, ou seja, o regresso de cada um para casa. Esses gestos eram seguidos por um gênero de oração: a *berakah*.³⁴

Na sagacidade do povo judeu, fazendo-se o sábado dia santo, logo o sétimo dia (dia da criação), tornar-se-á gradualmente, a ser contemplado rigorosa e piedosamente. Contudo, o seu sentido cultural era fortemente apontado, para que não se tornasse um dia de ócio. O dia era destinado a render graças e culto ao Senhor que fez maravilhas na vida de seu povo. Nesse sentido, a benção e consagração do Senhor são lembradas no sábado, bênção essa que se desdobra no tempo. Por esse motivo, o sábado torna-se um dia para Javé, um período a ser glorificado. “Dessa forma se conecta um culto ao dia de descanso.”

³⁵. A benevolência e santidade eram do “tempo santificado, e não mais um lugar santificado, um tempo especial, a dignidade da pessoa acima da servidão.”³⁶

A influência relativa ao culto do sábado se apoiava em três perspectivas: na veneração a Deus, na integridade à aliança e na legítima memória dos prodígios feitos por Deus, como maneira de engrandecer a fidelidade Dele no desempenho das promessas. No rito, há a intenção do Criador de permanecer em comunhão com os homens, é Deus que reconstitui a harmonia com a criatura; nesse sentido, “culto é a tentativa, presente ao longo de toda a história, de superar a culpa e de reconduzir, assim, à ordem correta o mundo e a própria vida.”³⁷ O dia do sábado, sendo dia santo, está igualmente, para o povo judeu, conectado ao memorial pascal lembrado no culto, “como lembrança da noite em que YHWH poupou e libertou seu povo.”³⁸

‘O sábado também é considerado como o dia que celebra a libertação pascal do Êxodo; enfim, além do ano e da semana, também no dia da conquista no judaísmo encontra uma referência particular à Páscoa porque se caracteriza pela oferta de um sacrifício cotidiano – o “sacrifício perpétuo” – entendido como memorial do maior dia da história da salvação (Nm 28,6).’³⁹

³⁵ SCHMIDT, Werner H. A fé do Antigo Testamento. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 157-158.

³⁶ SUSIN, L. C., A., op., cit., p. 81.

³⁷ BENTO XVI. op, cit., p. 31.

³⁸ WILLI-PLEIN, I., op, cit., p 121.

³⁹ BERGAMINI, A. Cristo Festa da Igreja. O Ano Litúrgico. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 54-55.

Uma forma de se lembrar da grandiosidade que Deus realizou em prol do povo, tirando-o da servidão do Egito: “Recorda-te de que foste escravos no país do Egito, donde o Senhor, teu Deus, te fez sair com mão forte e braço poderoso. É por isso que o Senhor teu Deus te ordenou que guardasse o dia do sábado.” (cf. Dt 5,15).

Portanto, observa-se nitidamente que “o Deus que descansou no sétimo dia, comprazendo-se pela sua criação, é o mesmo que mostra a sua glória, ao libertar os seus filhos da opressão do faraó.”⁴⁰ Aproximando o sábado com a partida do povo do Egito, o sétimo dia expressa, preliminarmente, dia de emancipação da casa da servidão. Comemorada e celebrada no sábado, a Páscoa dos judeus, igualmente celebra o memorial de um Deus que é forte, santo e libertador, que como pastor conduz seu rebanho. A partida do povo judeu do Egito é parâmetro da proporção do culto do sábado, até então celebrada solenemente uma única vez a cada ano.

E é observando o sábado que o israelita faz no seu hoje a experiência da libertação do êxodo; podemos dizer que o sábado se torna o êxodo semanal. Ligando o sábado à saída do Egito, faz-se deste um tempo no qual cada israelita não só se beneficia da bênção da criação, mas também da libertação da escravidão, da salvação conseguida com o êxodo. A passagem da escravidão do Egito ao serviço ao Senhor a partir do êxodo inicia um movimento de libertação que vem no sábado e que atualizava aquele ato de salvação fundamental: “seis dias trabalharás”, ou, literalmente, servirás, mas, no sétimo dia, cessará toda escravidão e memorial da escravidão do Egito.⁴¹

O sábado, então, no raciocínio judaico, “é uma instituição que se deve compreender e da qual se deve falar, mas, acima de tudo, é uma instituição que se deve viver”.⁴²

O Sábado é a síntese do “do credo israelita”, resume os principais eventos da história hebraica, da criação, dia santificado e abençoado (cf. Sl 92), da aliança sinaítica que representa a comunhão entre Yhawh e o povo, da figura do deserto e o maná ao dom da terra prometida, da salvação eterna.⁴³

Dessa forma, a obediência ao sábado é um louvor a Deus por todas as suas maravilhas, memorial da aliança e da libertação. Trata-se da celebração central da religiosidade judaica

⁴⁰ JOAO PAULO II, op. cit., n. 12.

⁴¹ BIANCHI, E., op. cit., p. 51-52.

⁴² CARDOSO, I. M. A. Domingo. dia da ressurreição. São Paulo: Paulus, 2012, p. 49.

⁴³ GELARDI, A. La Domenica andando alla messa. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 2015, p. 22-23.

É primordial que seja vivenciado com gratidão, dedicando e consagrando integralmente o dia ao Senhor. Ainda nesse sentido é fundamental considerar que o preceito de guardar o sábado foi prejudicado por uma legislação rígida, com tradições minuciosas, e chegando a ser uma proibição de praticamente tudo, tornando-se um fardo para os mais frágeis. E é nessa perspectiva que aparecem os conflitos de Jesus com os fariseus.

Por isso, no tempo de Jesus temos uma observação adulterada do Sábado, em que esse tempo parecia ser de novo nefasto, um risco para os que precisassem de comida e de cuidados com a saúde. Jesus se entende como quem busca o espírito original do Sábado e renova as possibilidades de entrar no Sábado mediante a cura, a reconciliação, a devolução do gosto de viver. Ele é o profeta e o Senhor – administrador – do Sábado, aquele que traz o tempo jubilar da graça.⁴⁴

Após termos visitado a teologia do sábado bem como suas raízes, observaremos como se dá a passagem entre o sábado judaico e domingo cristão. “O sábado foi abolido e cumprido em Cristo ressuscitado e tem uma celebração visível, o domingo.”⁴⁵

O povo israelita vivia o sábado como um período de esperança pelo Messias que chegaria. O sábado já equivalia à satisfação da vinda do Messias, antecipava sessa maneira, o júbilo do reino.

O sábado é ponte entre presente e futuro e, se vivido na obediência à Palavra de Deus, é dia sem ansiedade, sem tensão, sem rivalidade, sem contradição, é realmente dia de paz que antecipa a paz messiânica; por isso, o sábado é também dia no qual, particularmente, vivia-se a espera do Messias. O Sábado é um sinal concreto da esperança messiânica, que é esperança de todos nós.⁴⁶

Do dia do sábado, transcorre-se ao domingo, do sétimo ao primeiro dia, onde o Cristo vitorioso sobre a morte nos presenteia com a vida eterna. “O preceito do sábado, que na primeira aliança prepara o domingo da nova e eterna aliança, radica-se, portanto, na profundidade do desígnio de Deus.”⁴⁷

⁴⁴ SUSIN, L. C., A., op., cit., p. 82

⁴⁵ DANÉLOU, J., Bíblia e Liturgia. A Teologia Bíblica Do Sacramento e das festas nos padres da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 328.

⁴⁶ BIANCHI, E., op. cit., p. 73.

⁴⁷ JOAO PAULO II, op. cit., n. 13.

Contudo, como progride, de maneira concreta, o caminho da obediência do sábado para a celebração dominical? Bento XVI afirma que:

Possamos afirmar por certo que, já na época apostólica, o dia da ressurreição se impôs como o dia da assembleia dos cristãos: era este o “dia do Senhor” (Ap 1,10), o dia no qual Ele entrava entre os seus e os seus iam ao seu encontro. Assembleia em torno do Ressuscitado significava que ele partia de novo o pão com os seus (cf. Lc 24, 30-35). Foi um encontro com o Cristo presente, um caminho para a sua vinda final, e em tudo isso foi contemplada a presença da cruz como sua verdadeira elevação, como foi o evento do seu amor que é distribuído como presente. O Novo Testamento, assim como também escritos mais antigos do segundo século, confirma muito claramente: o domingo é o dia do culto dos cristãos. Esse acolheu em si o significado cultural do sábado e sinaliza o tempo mesmo de transformação do antigo culto naquele novo, verificado através da cruz e ressurreição, Mas também a ligação com o tema da criação, que para o sábado é essencial, estava implícita, mesmo que de forma alterada, na data do primeiro dia da semana, isto é, no dia em que a criação começou: a ressurreição conecta o começo e o fim, a criação e restauração.⁴⁸

A obediência ao sábado certamente ocasionou a estabelecimento do domingo, “Do sábado passa-se ao primeiro dia depois do sábado, do sétimo dia passa-se ao primeiro dia: o Dies Domini torna-se o Dies Christi!”⁴⁹. Sendo esse o dia do Senhor, aquele que inicia aqui e só findará na eternidade. “Para quem crê em Jesus Cristo, o coração do seu Senhor é o lugar escolhido para repousar.”⁵⁰. O domingo passará a ser visto e interpretado como o dia da nova criação, o oitavo dia da semana. Nesse sentido, é fundamental assinalar que:

A distinção entre o domingo e o sábado hebraico vai-se consolidando sempre mais na consciência eclesial, mas, em certos períodos da história, devido à ênfase dada à obrigação do descanso festivo, registra-se certa tendência à “sabatização” do dia do Senhor. Não faltaram, inclusive, setores da cristandade em que o sábado e o domingo foram observados como “dois dias irmãos”.⁵¹

⁴⁸ RATZINGER, J., op. cit., p. 276-277.

⁴⁹ JOÃO PAULO II, op. cit., n. 18.

⁵⁰ STEFANI, P., “Dal sabato ebraico al primo giorno dopo il sabato”. In: BARBA, M. (org). O giorno primo ed ultimo. Vivere la Domenica tra festa e rito. Atti della XXXII Settimana di Studio Dell’Associazione Professori di Liturgia Cassano delle Murge. Edizioni Liturgiche, 2003. p. 90.

⁵¹ JOÃO PAULO II, op. cit., n. 23.

Observa-se que a percepção do sábado prevaleceu até a vinda do Cristo. Todavia, aos poucos, a Igreja vai descobrindo o foco da ressurreição. Jesus Cristo ressuscitado é o ponto crucial em que se fundamenta a fé cristã. Posto que, se Jesus não houvesse ressuscitado, nossa fé não existiria, assim como afirma o apóstolo Paulo (cf. 1Cor 15,14).

Nesse sentido, o sábado aos poucos deixa de ser o protagonista na vida litúrgica da comunidade cristã para que o domingo consiga apropriar-se da missão de tempo novo. Esse movimento foi uma experiência de demonstrar o legado que os cristãos conservaram dos judeus.

A concepção mais atual, estruturado pelo próprio Papa João Paulo II em sua Carta Pastoral *Dies Domini*, conserva que o domingo iniciou como a incorporação e “expressão plena” do sábado e, po conseguinte necessita ser observado como uma imposição bíblica, cujas raízes fundamentam-se no próprio mandamento do sábado. O que se expõe desde os primórdios como um dia para o Senhor concede lugar ao domingo, cujas bases fundamentam-se na ressurreição de Cristo. Nessa perspectiva o sábado permanece sendo dia santo para os judeus e para os cristãos, o domingo é destinado ao descanso, louvor e ação de graças. “A Israel se pede a observância do sábado, enquanto o domingo é o dia no qual os chamados à fé em Jesus Cristo, sejam hebreus ou gentis, celebram a ressurreição do seu Senhor aguardando a sua vinda”.⁵²

Como já mencionado anteriormente, o domingo origina-se na ressurreição de Cristo: “a originalidade do domingo, primeiro dia e último, primeiro dia depois do sábado, constitutivamente foi fundada e motivada a partir da ressurreição; é, portanto, a celebração dos mistérios da morte e ressurreição do Senhor Jesus”.⁵³ Ainda no Novo Testamento, nota-se que a mudança do sábado para o domingo tem seu fundamento na ressurreição de Jesus Cristo.⁵⁴ “Deus age novamente afim de dar à Aliança a sua dimensão universal, entretanto influenciou no ritmo das semanas; o seu vértice, para o qual todo o resto estava direcionado, foi a ressurreição de Jesus no ‘terceiro dia’.”⁵⁵

⁵² STEFANI, P., “Dal sabato ebraico al “primo giorno dopo il sabato”. In: BARBA, M., op. cit., p. 95.

⁵³ MAGGIANI, S., “Introduzioni”. In: BARBA, M., op. cit., p. 13.

⁵⁴ O papa Inocêncio I elucida a realidade da ressurreição como fundamento da celebração dominical quando diz: “Nós celebramos o domingo devido à venerável ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo, não só na Páscoa, mas inclusive em cada ciclo semanal.” (INOCÊNCIO I apud JOAO PAULO II, op. cit., n. 19).

⁵⁵ BENTO XVI. op. cit., p. 83.

Esse fato traz, por conseguinte, uma nova percepção na ordem das criações e na vida do homem. Além disso, a passagem do Antigo para o Novo Testamento está assinalada, simultaneamente, pelo encadeamento, continuidade e suspensão, o que se emprega, impecavelmente, também ao culto.

Os cristãos, apercebendo-se da originalidade do tempo novo e definitivo inaugurado por Cristo, assumiram como festivo o primeiro dia depois do sábado, porque nele se deu a ressurreição do Senhor. De fato, o mistério pascal de Cristo constitui a revelação plena do mistério das origens, o cume da história da salvação e a antecipação do cumprimento escatológico do mundo. Aquilo que Deus realizou na criação e o que fez pelo seu povo no Êxodo encontrou, na morte e ressurreição de Cristo, o seu cumprimento, embora esse tenha a sua expressão definitiva apenas na parusia com a vinda gloriosa de Cristo.⁵⁶

O Cristo ressuscitado esteve presente de maneira visível com os discípulos no primeiro dia da semana. Em seguida, Jesus surgiu e comeu juntamente com os discípulos não somente na noite do domingo de páscoa (cf. Jo 20,26), e também em outros domingos seguintes (Atos 10,41).

Assim sendo, o dia do Senhor é uma instituição fundamentalmente cristã; originada unicamente no acontecimento da ressurreição de Cristo no dia após o sábado. Esse fato é interpretado como o estabelecimento de um modelo regular para uma celebração eucarística, “ceia do Senhor”⁵⁷.

⁵⁶ JOAO PAULO II, op. cit., n. 18.

⁵⁷ O significado da ceia do Senhor deriva da última refeição que Cristo tomou com os discípulos pouco antes de sua prisão e morte, (cf. 1Cor 11,23-25; Mc 14,12-25; Mt 26,17-29; Lc 22,7-20). O dom de Jesus na ceia é visto como cumprimento dos ritos sacrificais judaicos. Era o contexto de uma ceia pascal judaica na qual Jesus apresenta o destino eterno, a saber, a salvação do mundo. Essa ceia vai tomando o sentido de ceia messiânica para os discípulos. No fim do relato da ceia, cujo ator principal é Jesus, opera-se uma transformação que atinge Jesus, os discípulos e a criação. A morte que se aproxima irá transformar a humanidade de Jesus. Ele se torna o ausente-presente, já não manifestado por seu corpo sensível, mas pelo dom do pão e do vinho realizado em memória dele. E nesse dom realiza-se a passagem da promessa para a aliança realizada, quando eles reconheceram em Jesus o Messias, ou seja, após a ressurreição quando ainda o Senhor Ressuscitado se faz presente e come com eles.

O Novo Testamento imputou-se do termo “dia do Senhor”. Posteriormente a ressurreição de Jesus Cristo, o domingo passou o dia, em que o Senhor vem unir-se ao seu povo na liturgia. O domingo, portanto, tornando-se, na consciência dos primeiros cristãos, algo de valor que substituirá o sábado. “O domingo distinguia-se do shabat tendo adquirido um significado totalmente diferente: passou a ser o dia do Senhor.”⁵⁸ “Os evangelhos falam do domingo como o dia depois do sábado”⁵⁹.

O sábado não foi precipitadamente desprezado como um hábito judaico na vida dos primeiros cristãos. Após a ressurreição, os discípulos de Jesus frequentavam a sinagoga, e simultaneamente frequentavam ao Templo, onde reuniam-se para celebrar a páscoa semanal.

Jesus não aboliu o sábado, mas o confirmou; tanto é verdade que os primeiros discípulos de Jesus, a Igreja primitiva, santificavam o sábado, indo ao templo e à sinagoga como os fiéis israelitas. No Novo Testamento, não encontramos sinais de que os apóstolos, depois da ressurreição, tenham deixado de observar o sábado; antes de tudo, faz-nos afirmar que o sábado era observado pelas mulheres e pelos discípulos na ocasião da sepultura de Jesus.⁶⁰

Os Apóstolos imediatamente entenderam que o primeiro dia da semana, em que Cristo ressuscitou, tornaria-se o evento crucial da Nova e Eterna Aliança realizada no Sangue de Jesus Cristo. Esse dia, portanto necessitaria ser celebrado como expressão da genuína adoração cristã. “Alcançar a certeza da ressurreição foi de grande relevância no difícil processo de enculturação do cristianismo no mundo greco-romano.”⁶¹ A Ressurreição foi determinante na escolha do domingo como o dia de louvor e culto da primitiva comunidade cristã. Bento XVI sublinha que “a ressurreição é um acontecimento dentro da história que, todavia, rompe o âmbito da história e a ultrapassa.”⁶² .

⁵⁸ CARDOSO, I, M, A., op. cit., p. 66.

⁵⁹ Cf. Mt 16, 2-9; Lc 24,1.

⁶⁰ BIANCHI, E., op. cit., p. 94.

⁶¹ CARDOSO, I, M, A., op. cit., p.116.

⁶² BENTO XVI, Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição. São Paulo: Planeta, 2011, p.244.

2. A CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA

A liturgia é o ápice e a fonte de toda a vida da Igreja (cf. SC 10). A Eucaristia, em contrapartida, é o ponto central de toda a liturgia e, por relevância, o sacramento de singularidade da Igreja com o Deus Trindade. Para ela convém toda evangelização e catequese da Igreja, e dela decorre toda potência indispensável para que a evangelização se efetive com êxito.

Nessa perspectiva, o culto e a vivência da Eucaristia são essenciais para a vida da Igreja. Entretanto, observa-se na atualidade um afastamento entre a vivência de Jesus Cristo e o que Ele realizou na última ceia com os discípulos, e o que estabelecemos na Eucaristia.

Ainda nesse sentido, perpassa a primordialidade de retornar às origens da Eucaristia, retomando a conexão vida-celebração. Um dos objetivos do presente trabalho é também demonstrar que a celebração da Eucaristia, necessariamente nos incentiva a um comprometimento com a vida, e os ensinamentos de Jesus Cristo. A Eucaristia, portanto nos propõe a viver a partir do Mistério glorificado. Assim sendo, dois extremos evidenciam a vida dos discípulos de Jesus: a reunião e a missão.

Na reunião, com palavras e ações simbólicas, entre cantos e silêncios, recorda-se a paixão e a glorificação de Jesus, o Senhor, na cumplicidade do Espírito que atualiza fecunda, cria comunhão. Na missão, o mesmo Espírito envia, cria, dá forças, coragem, persistência e alegria... Há uma relação intrínseca entre esses dois pólos: é o mesmo mistério da páscoa do Senhor, ora anunciado e vivido no dia-a-dia, no testemunho e no compromisso até o martírio, ora atualizado na memória litúrgica. Um não existe sem o outro.⁶³

⁶³ BUYST, Ione e SILVA, José Ariovaldo. O mistério celebrado: memória e compromisso I. São Paulo: Paulinas; Valência: Espanha, Siquem, 2003. p. 11.

A celebração da Eucaristia está intimamente ligada à vida de cada cristão. Jesus concedeu aos seus discípulos duas formas de recordar sua vida e sua obra salvadora no mundo: o memorial celebrativo do rito e o memorial testamentário.

“A memória celebrativa ritual é realizada através dos sacramentos e da liturgia em geral. Essa memória como ação simbólica profética realiza uma ponte para o segundo tipo de memorial deixado por Jesus, o memorial testamentário, onde o cristão deve viver conforme o que ele crê e o que é celebrado.”⁶⁴

Habitualmente ao se falar em Eucaristia pressupõe-se por vezes o não explicitado: a Eucaristia é algo sagrado! “Sagrado” compreendido como uma coisa desconectada da vida. Por essa razão, separa-se um ambiente, um tempo, um objeto, uma pessoa. O sagrado torna-se uma manifestação de algo completamente diferente (Mircea Eliade), de uma realidade que não pertence a este mundo. Essa concepção, logo, carrega em si um rompimento de nível que concebe o sagrado como uma realidade distinta do profano. Por conseguinte, entrar em contato com o sagrado é ausentar-se do profano.

“A Eucaristia, vista nessa compreensão, como ação sagrada, é situada à margem da vida, do dia-a-dia, quiçá até distante das realidades cotidianas. A consequência dessa pré-compreensão é que Eucaristia e Vida perdem sua unidade dinâmica e são vistas dicotomicamente. A separação que existe entre sagrado e profano é a distância que existe entre celebração e vida.”⁶⁵

Certamente muitos cristãos têm na Eucaristia o berço da sua espiritualidade e de sua vida. Numerosos são os que celebram e vivem a Eucaristia como mistério pascal de Cristo em sua vida. Entretanto, há uma centena de pessoas que têm a Igreja como um grande “comércio religioso” e procuram em sua “prateleira” aquele “produto” que está faltando em sua vida. Em outras palavras, um sacramento ou uma bênção que satisfaz sua necessidade momentânea.

⁶⁴ Cf. BECKHÄUSER, Alberto. Os Sacramentos na Vida Diária. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 10-11.

⁶⁵ Cf. CASTILLO, José Maria. Eucaristia, Y Vida, Hoy. Madrid: Fundación Santa María. S.d. p.10-14. 4 Por exemplo: pelas almas do purgatório, pelo falecido João da Silva, por uma graça alcançada, por Nossa Senhora Aparecida, ao Sagrado Coração de Jesus, em honra a São José, a Santo Antônio, para pedir chuva, para pedir uma cura, em ação de graças pela saúde de Sebastiana, para pedir emprego etc

A Eucaristia, por vezes é vista nessa perspectiva e demonstra ser um serviço religioso à disposição do público, ao “gosto do consumidor”. A consequência disso é o consumismo sacramental.

Muitas vezes a ideia que se tem é que a Eucaristia aparenta ser uma oração rezada pelo padre no altar; ele reza pelo povo, pelas intenções encomendadas, e o público assiste. Nesse sentido, o Padre passa a ser o funcionário desse “comércio sacramental”, semelhando-se à alguém que foi contratado para rezar a missa.

Caminhando nessa perspectiva, passamos facilmente do consumismo sacramental ao individualismo cristão. A Eucaristia é um sacramento comunitário, porém que diversas vezes é rezada individualmente, cada cristão reza por si, por sua família, dirige a Deus seus pedidos e vontades e geralmente o faz de forma individualista; não reconhecendo a comunidade ao seu redor. Essa perspectiva nos leva a refletir que ninguém, por exemplo, comemora seu aniversário sozinho, ninguém faz uma festa só; portanto, é intrínseco à celebração da Eucaristia a comunhão com os outros. O que se pode observar é que muitas pessoas demonstram dificuldade em compreender o que de fato é a Eucaristia, não têm consciência do quão Sagrado é tão pouco consciência do que está sendo celebrado. O que, por conseguinte resulta em celebrar uma coisa e viver outra.

Na atualidade a compreensão mais significativa ao se falar em Eucaristia é a da presença real de Jesus no pão e no vinho, Corpo e Sangue de Cristo. Quando se pensa na Eucaristia certamente a primeira imagem que se vem à cabeça é a imagem do ostensório com a hóstia consagrada ou o padre segurando a hóstia na mão durante a consagração. Ainda, se recordarmos as lembranças de Primeira Eucaristia ou os convites de ordenação presbiteral comumente a imagem mais utilizada será a da hóstia, com alguns ramos de trigo e um cacho de uva.

Jesus Cristo fez algo ainda mais esplendoroso quanto a Sua morte e ressurreição. Fez-se ainda mais próximo, quando na última ceia, instituiu e deu a Eucaristia a todos que creem Nele. Na instituição da Eucaristia, seu povo tornam-se seus amigos, porque não tem maior amor do que dar a própria vida pelos seus amigos (cf.: Jo 15, 13).

Quando o pão é consagrado e torna-se o Corpo de Cristo, ali não está uma reprodução do Corpo de Cristo, e sim o Seu próprio Corpo ressuscitado. O mesmo se dá,

com o vinho, que é o próprio Sangue de Cristo. Ali estão o Corpo, a Alma e a Divindade de Cristo.

A presença Eucarística de Cristo está presente na hóstia enquanto durarem as aparências do pão. Ou seja, ao diluir a hóstia, não mais estará a presença real de Cristo Eucarístico. O mesmo se dá quando nosso estômago descaracteriza as espécies consagradas do pão e do vinho em Corpo e Sangue de Cristo. Em torno de dez minutos (tempo que leva para nosso estômago descaracterizar a hóstia consagrada), Jesus está unido fisicamente à pessoa. Esse período é destinado ao amor e adoração a Cristo Jesus de toda alma e coração. O Senhor Jesus Cristo que está ali, dentro de cada um, 10 minutos que levam a pessoa a fazer uma real experiência de fé.

Com o passar do tempo a prática da adoração ao Santíssimo Sacramento dentro ou após a celebração eucarística vem está crescendo cada vez mais. É comum observarmos que durante a consagração, as pessoas sussurrem exclamações de louvor e adoração como: “Meu Senhor e Meus”, “Eu creio Senhor, mas aumentai a minha fé” ou ainda “Jesus Cristo, eu te adoro”. Como já mencionado anteriormente, esse é considerado o ápice da fé cristã, a transubstanciação do pão em Corpo de Cristo e o vinho no Sangue de Cristo.

Se indagarmos alguns cristãos a cerca de qual o momento mais importante da celebração eucarística certamente por unanimidade a resposta seria a consagração do pão e do vinho.

Jesus está de forma real presente ali sobre o altar para ser adorado e comungado “por quem não tiver pecado”. São riquíssimas as palavras ditas pelo bispo durante a ordenação presbiteral quando toma em suas mãos o pão e o vinho, trazidos pelo povo, e diz ao neo-ordenando: “Recebe a oferta do povo santo para apresentá-la a Deus. Toma consciência do que vais fazer e põe em prática o que vais celebrar, conformando a tua vida ao mistério da cruz do Senhor”⁶⁶.

⁶⁶ Ritual de Ordenação de Bispos, Presbíteros e Diáconos. São Paulo: Paulus, 1994. n. 135 p. 70.

Analisando os textos do Novo Testamento, referentes à Eucaristia,⁶⁷ observa-se uma segunda expressão que é um desdobramento da primeira:

“A Eucaristia é a memória do mistério pascal de Jesus Cristo celebrado durante uma refeição. A Eucaristia foi instituída como alimento, mas não um alimento comum”⁶⁸. Foi o próprio Jesus quem disse que o pão e o vinho eram o seu corpo e o seu sangue, e pediu para que os discípulos fizessem sempre isso em sua memória.

Cristo presenteou a humanidade com o dom da Sua vida. Ele instituiu na última ceia a Eucaristia e o mandamento do amor (cf. Jo 13,1-20).

Observa-se que muitos sacerdotes vivenciam profundamente o que celebram, comprometendo-se ao serviço do Reino de Deus, não sendo para eles apenas um ritual a ser executado, e sim uma celebração do mistério pascal de fato. Faz parte da missão e da vocação do presbítero viver uma vida eucarística e assim incentivar o povo a fazer o mesmo.

A celebração eucarística, como se apresenta na atualidade, não é invenção; a atual geração não é sua criadora, contudo trata-se de uma herança rica e uma tradição que começou no início do cristianismo com as primeiras comunidades cristãs. Dessa forma, de maneira simples, vai-se percorrendo o início do cristianismo, apropriando-se das fontes originárias, contemplando também como a celebração foi sendo entendida e celebrada ao longo da história, transcorrendo os séculos e chegando até os dias de hoje. O primeiro aspecto e o fundamental que transcorre o primeiro milênio do cristianismo é o entendimento da Eucaristia como Celebração do Mistério Pascal de Cristo. O texto mais antigo sobre a sua instituição, herdado na tradição, é o de São Paulo aos Coríntios¹⁰, onde lemos o seguinte sobre a Ceia do Senhor:

Porque recebi do Senhor o que vos transmiti: O Senhor Jesus, na noite em que foi entregue, tomou o pão e, depois de dar graças, partiu-o e disse: “Isto é meu corpo, que se dá por vós; fazei isto em memória de mim”. E, do mesmo modo, depois de cear, tomou o cálice, dizendo:

⁶⁷ Cf. 1Cor 11,23-26; Lc 22,14-20; Mt 26,26-29; Mc 14,22-25 e Jo 6,51-59

⁶⁸ Cf. CASTILLO, J. M. Onde não há Justiça não há Eucaristia. In: Fé e Justiça. São Paulo: Loyola, 1990. p. 138.

Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue; todas as vezes que o beberdes, fazei-o em memória de mim'. Pois todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciareis a morte do Senhor, até que ele venha (1Cor 11,23-26).

Nos proêmios, a Eucaristia era compreendida como fazer a memória de Jesus, de sua paixão morte e ressurreição; fundamentalmente a celebração do Mistério Pascal de Jesus Cristo. Memória esta muito ligada à vida das pessoas que participavam. Em 1Cor 11,17, por exemplo, Paulo condena as divisões dos que vão à Ceia do Senhor, dizendo que isso não serve para o crescimento espiritual, mas faz mal. Mateus 5,23-24 diz o seguinte: “Portanto, se estiveres diante do altar para apresentar tua oferta e ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa tua oferta lá diante do altar, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão e então volta para apresentar tua oferta”.

Esse texto, destinado à comunidade cristã, fala da celebração associada à vida. Ou seja, a oferta transmitida na celebração é inconciliável com a divisão entre os seres humanos. Assim sendo, a celebração não pode ser compreendida como dissociada da vida. Não sendo possível compartilhar autenticamente da Eucaristia, quando não se tem o firme propósito de viver o que é celebrado em comunhão com a comunidade.

A Ação de Graças é mais um elemento que merece destaque. Nas celebrações eucarísticas a “oração de bênção” (oração eucarística) de origem judaica está sempre presente. Lentamente foi prevalecendo a categoria de bênção e ação de graças na celebração da Eucaristia. O centro da Eucaristia se movimenta do sinal fundamental da refeição ao da palavra: a palavra originária das leituras bíblicas e a palavra antepassada da oração eucarística. De Ceia do Senhor advém à Eucaristia, ou seja, ação de graças, já nos finais do séc I (Cf. Cartas de Inácio de Antioquia).⁶⁹

A ação de graças apresenta-se como uma admiração de Deus, autor de todas as maravilhas da criação e da História da Salvação, fundamentalmente, por salvar a humanidade por meio da morte-ressurreição de Jesus Cristo. É portanto, essa ação que será caracterizada pelo termo “Eucaristia”.

⁶⁹ Cf. Idem. p. 134

Na língua grega a palavra Eucaristia é traduzida “ação de graças”. A Igreja, ao usá-la, concedeu-lhe uma compreensão originou-seno Antigo Testamento: “Render Graças”. “Render graças então se tornou o correspondente a “fazer a Eucaristia”: a oração transformou-se em rito”.⁷⁰

“É importante lembrar que a celebração da Eucaristia Cristã tem sua raiz na tradição judaica, mas assume a partir de Cristo um sentido próprio, pois é concebida como a celebração do mistério pascal de Jesus Cristo.”⁷¹

Ainda nessa perspectiva merece destaque, novamente que a “Eucaristia era celebrada no “primeiro dia da semana”: o Dia do Senhor (Domingo), por ser o dia memorial da Ressurreição (cf. 1 Cor 16,2; At 20,7; Ap 1,10).⁷² Justino, leigo e filósofo, lá pelo ano 150, escreve uma Apologia em benefício dos cristãos, e percebe-se como se estruturava a Eucaristia em meados do século II. Consideremos: a reunião da assembleia era no “dia do Sol”⁷³ (domingo), havia a escuta da Palavra, a homilia, a oração dos fiéis, a preparação das oferendas, a oração eucarística, a comunhão e o socorro aos necessitados.”⁷⁴

“Compreendemos que a Eucaristia nos séculos II-III tem como característica a improvisação e a criatividade, permanecendo sempre fiel aos princípios da tradição, isto é, ao mistério pascal de Cristo.”⁷⁵ “A Eucaristia nesse início não é discutida, mas é um mistério vivido e celebrado, tanto que nesse período não temos tratados eucarísticos, mas sim “sermões” e catequeses mistagógicas.”⁷⁶ Ela é evidentemente uma experiência vivenciada em comunidade, em conexão direta com a vida.

⁷⁰ Cf. MARTIMORT, Aimé Georges. A Igreja em Oração. Introdução à Liturgia. Eucaristia. Petrópolis: Vozes, 1989. Vol. 2. p. 43.

⁷¹ Cf. SILVA, José Arioaldo. O Mistério Celebrado no Primeiro Milênio da Era Cristã. p. 29

⁷² Cf. idem. p. 29.

⁷³ Dia dedicado ao deus Sol na tradição religiosa romana.

⁷⁴ Para ler o texto na íntegra Cf. JUSTINO de Roma. Apologia I. São Paulo: Paulus, 1995. n. 67. p. 83.

⁷⁵ Cf. AUGÉ, Matias. Liturgia: História, Celebração, Teologia, Espiritualidade. São Paulo: Ave-Maria, 1996. p. 31.

⁷⁶ Cf. ALDAZÁBAL, José. A Eucaristia. p. 167-168

A Eucaristia é ainda, uma celebração eclesial-comunitária, ou seja, a comunidade era considerada comunidade eucarística, enquanto pessoas que viviam na sua vida aquilo que celebravam.

Fundamental e não se pode deixar de destacar é a presença de Jesus Cristo vivenciada e sentida em toda a celebração eucarística. Em outras palavras: na presidência, na escuta da Palavra, na assembleia compreendida como “corpo de Cristo” e no pão e vinho. A Eucaristia era e continua sendo o centro da espiritualidade, e observa-se que no passado, tinha-se uma preocupação exacerbada quanto à qualidade das celebrações, fazendo com que a assembleia de fato conseguisse celebrar o mistério pascal.

“A Eucaristia era uma celebração inculturada. Embora sempre fiel à tradição cristã e apostólica, ela se adaptou aos diferentes povos com sua cultura, tanto no Ocidente quanto no Oriente, com sua língua e costumes próprios, conseguindo fazer com que cada povo vivenciasse o centro da espiritualidade cristã a partir da sua situação concreta.”⁷⁷ Durante o primeiro milênio a Eucaristia estimulava as pessoas a vivenciarem aquilo que celebravam na própria vida, particularmente no compromisso com a justiça, aqueles mais pobres e necessitados.

Toda liturgia cristã é integralmente a celebração da páscoa de Cristo. E precisa ser apreciada como memorial que se prolonga ao longo do tempo, para ser presença e contemporaneidade mística, comcomitantemente em que é precipitação do que os cristãos possuirão plenamente no amanhã escatológico. A liturgia celebra a presença viva e atuante de Cristo Ressuscitado no meio da assembleia unida. É precisamente essa presença que atribui o caráter festivo, solene e santo de cada celebração. Nessa perspectiva, não se trata da presença isolada de cada cristão, individualista ou ainda uma fé intimista e pessoal, mas da conexão entre Cristo e a Igreja, ou Cristo e seu corpo inteiro. “Não existe nenhuma participação no mistério de Cristo que seja individual: depois de Pentecostes, Cristo é inseparável de seu corpo eclesial, cuja salvação não é individual nem coletiva, mas em comunhão.”⁷⁸

⁷⁷ Cf. SILVA, José Arioaldo. O Mistério Celebrado no Primeiro Milênio da Era Cristã. p. 43.

⁷⁸ CAMPATELLI, M. O Batismo. Cada dia às fontes da vida nova. Bauru: Edusc, 2008, p. 33

A liturgia cristã dispõe uma percepção comunitária que deu significado à vida da Igreja. Da mesma maneira como foi transmitida pelos apóstolos após a ressurreição, como algo indispensável à vida. Santo Agostinho afirma: “separado do corpo, cada membro conserva sua forma, mas não tem vida”⁷⁹. João Paulo II, na Encíclica *Dies Domini*, dá-nos uma descrição acerca da importância da comunidade reunida, como o lugar da presença viva e atuante do Cristo.

Para que essa presença seja anunciada e vivida adequadamente, não é suficiente que os discípulos de Cristo rezem individualmente e recordem interiormente, no segredo do coração, a morte e a ressurreição de Cristo. Com efeito, todos os que receberam a graça do batismo não foram salvos somente a título individual, mas enquanto membros do Corpo místico, no qual entraram a fazer parte do Povo de Deus. Por isso, é importante que se reúnam para exprimir em plenitude a própria identidade da Igreja, a *ekklêsia*, assembleia convocada pelo Senhor ressuscitado, que ofereceu a sua vida “para trazer à unidade os filhos de Deus que andavam dispersos” (Jo 11,52).⁸⁰

Ao longo do tempo a Igreja procurou evidenciar o sentido da “presença real”. Incorporando passado, presente e futuro, “a liturgia aparece como o momento-síntese de toda a história salvífica e configura o tempo da Igreja como a etapa última e definitiva da salvação.”⁸¹. A Sacrosanctum Concilium providenciou a ampliação novamente da ideia de presença real do mistério pascal de Cristo na liturgia. Inúmeros aspectos da presença real de Cristo ressuscitado na Igreja, sobretudo nas celebrações litúrgicas, são difundidos de tal maneira que se pode pressentir com o Concílio que a presença real na eucaristia conjectura a assembleia reunida como um ato intuitivo.

Para levar a efeito obra tão importante, Cristo está sempre presente em Sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas. Presente está no sacrifício da missa, tanto na pessoa do ministro, “pois aquele que agora oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que outrora se ofereceu na cruz”, quanto, sobretudo, sob as espécies eucarísticas.

⁷⁹ AGOSTINHO DE HIPONA. Sermão 268. In: AL. p. 952.

⁸⁰ JOÃO PAULO II, op. cit., p. 28.

⁸¹ LÓPEZ MARTÍN, J. A liturgia da Igreja. Teologia, história, espiritualidade e pastoral. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 74. (Coleção liturgia fundamental).

Presente está pela Sua força nos sacramentos, de tal forma que, quando se batiza, é Cristo mesmo que batiza. Presente está em sua Palavra, pois é Ele mesmo que fala quando se leem as Sagradas Escrituras na Igreja. Está presente finalmente quando a Igreja ora e salmodia.⁸²

A presença de Cristo e da força de sua páscoa não se encerrará. Havendo se encarnado, Cristo se torna “Deus Conosco” (cf. Mt 1, 23). Ressuscitado, ele garante aos seus discípulos: “Eis que eu estarei convosco todos os dias, até a consumação dos séculos.” (cf. Mt 28, 20). Dessa maneira, não se deve delimitar a presença de Cristo. “A presença ativa do Ressuscitado na dynamis do Espírito constitui o dado fundamental do dia cultural do cristão.”⁸³.

Para todos os cristãos a presença de Cristo é base transformadora da vida e o que impulsiona a comunidade a seguir o mistério da Cruz de Cristo que oferece a vida para a construção do mundo novo. Cada cristão é chamado a viver continuamente em oração e a trazer também, em seu corpo, a morte de Cristo, para que se manifeste em todos os âmbitos da vida o que se celebra. “A liturgia, centrada no mistério pascal, é comprometida com a salvação histórica do homem em todos os seus aspectos.”⁸⁴.

⁸²Cf. SC, n. 7

⁸³ROSSO, S., op. cit., p. 164.

⁸⁴NEUNHEUSER, B. “Memoriale”. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M.; CIBIEN, C. (orgs). Dizionario di Liturgia. Milano: Edizioni San Paolo, 2001, p. 1163 – 1180

3. O SHABAT

Segundo a tradição judaico-cristã, o dia chamado Shabbat⁸⁵ conclui o ciclo da criação: “Deus concluiu no sétimo dia a obra que fizera e no sétimo dia cessou, depois de toda obra que fizera” (Gn 2,2).

O Shabat, nessa perspectiva, expressa, para a tradição judaica, o período em que o ser humano é convidado cessar seu trabalho da mesma maneira que fez seu Criador. Suspendendo suas ocupações cotidianas, no Shabat, o ser religioso é preparado para celebrar sua vida em comunhão com o Eterno. Prevendo aquilo que será no futuro.

João Paulo II assim diz sobre a comunhão com Deus: “a interrupção do ritmo, muitas vezes opressiva, das ocupações exprime, com a linguagem figurada da ‘novidade’ e do ‘desprendimento’, o reconhecimento da dependência de nós mesmos e do universo de Deus. Tudo é de Deus!” (PAULO II, 1988, p. 16). Dessa maneira, Deus santifica o Shabat, como nos ensina uma bonita oração judaica chamada Kiddush: “Bendito és Tu, Senhor, que santificas o Shabat...” (LENHARDT, 2020, Tomo II, p. 51). Uma vez santificado, o Shabbat terá como missão santificar o tempo. Assim explica Heschel (2014, p. 19): “Seis dias da semana vivemos sob a tirania das coisas do espaço; no shabat tentamos nos tornar harmônicos com a santidade no tempo. É um dia em que somos chamados a partilhar no que é eterno no tempo”.

No que é relativo à tradição cristã o Shabat continua com seu valor. Isso fica evidente ao se observar a disposição dos dias no calendário que expõe o sábado como o último dia da semana.

⁸⁵Segundo o Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento (verbo 2323 shabat, 1998, p. 1521), a palavra Shabbat é cercada de algumas dúvidas. Não se sabe se ela como substantivo deriva do verbo ou se o substantivo de origem derivou o verbo. De toda forma, a palavra tem uma característica, segunda letra da raiz de forma duplicada, de um substantivo derivado da conjugação verbal chamada piel, embora em momento algum a encontre conjugada neste estado. Existem 71 ocorrências da palavra Shabbat no Primeiro Testamento. Dessas, 27 ocorrências na conjugação verbal simples chamada qal (voz ativa) apresenta a ideia de “interromper”, mas dessas 27 ocorrências, 13 faz alusão a ideia de “cessar” e outras 04 ocorrências na conjugação nifal (voz passiva). Já na conjugação verbal hifil (voz ativa) encontra-se o maior número de ocorrências, 40, sugerindo a ideia de “fazer cessar” (D.I.T.A.T., 1998, 1521).

Além, do encerramento do Tríduo Pascal que encerra com a vigília do sábado santo, em que de maneira solene proclama-se o Glória, proclamando a ressurreição de Jesus, Deus encarnado. Sobre a encarnação, Lenhardt (2020, Tomo II, p, 206) afirma: “a novidade cristã, irredutível, certamente, mas sobre um fundo de continuidade, consiste em ver e declarar que Jesus Cristo, o Filho de Deus encarnado, o Senhor, que ninguém pode confessar se não for através do Espírito Santo, é a Shekhiná”.

Nesse sentido, na paixão, morte e ressurreição de Jesus cumpre-se, plenamente: a dimensão sabática. Os padres da Igreja desta forma já ensinavam: “nós consideramos verdadeiro sábado a pessoa de nosso Redentor, nosso Senhor Jesus Cristo” (PAULO II, 1988, p. 18).

Para os cristãos, logo, o domingo da ressurreição é indiscutivelmente extensão do shabat. O dia do Senhor! O dia que rompe com os limites humanos e coloca-se como o tempo de Deus. Para Ephraïm: “os padres da Igreja parecem ter tido a intuição de que o domingo seria parecido ao oitavo dia, uma abertura evocadora da transposição dos limites da semana, um prolongamento do shabat no shabat sem fim, que é o Reino” (1998, p. 246).

O ensinamento da Shabat ou Sétimo dia ⁸⁶ revelado, ensinado e inscrito nos Dez Pronunciamentos ou 10 Palavras ou Decá (10) - logo (palavra, pronunciamento, discurso): Decálogo é um dos ensinamentos mais importantes e, como tal, é portador de uma grande luminosidade para o coração.⁸⁷

⁸⁶ A própria Escritura, em vários lugares, usa o duplo para falar de algo importante, como as duas narrações dos dois ensinamentos da Shabbat (cf. Ex 20,8-11; Dt 5,12-15); as duas narrativas da criação do ser humano (cf. Gn 1,26-27; 2,7-23; etc...). A Tradição sinagoga vai apoiar no Salmo 62,12: “Deus falou uma vez, e duas vezes eu ouvi” para dizer que a Palavra de Deus é Una, mas os ouvidos humanos ouvem mais de uma, ou a diversidade, a multiplicidade de interpretações. Aqui temos duas formas de se referir a essa realidade divina doada a Shabbat e/ou Sétimo Dia que na Teologia Cristã da Plenitude ou Cumprimento anuncia o Dia da Ressurreição ou Domingo.

⁸⁷ Coração aqui entendido a partir a antropologia simbólica da Torá, isto é: o centro ou fonte da intimidade da pessoa humana; lugar da vida afetiva, intelectual e de toda vontade humana. Na Torá, pensa-se com o coração; decide-se com o coração; ama-se com o coração; vê-se com o coração; discerne-se com o coração; mas também é lugar onde ciladas são tramadas. Aqui também o número 2 se faz presente, pois, em hebraico, coração se diz: lev ou levav, isto é, com um (v) ou dois (v). A Liturgia sinagoga ensina que existem duas inclinações no ser humano: uma boa e outra má.

O ensinamento da Shabbat forma agentes de libertação para aqueles e aquelas que estão sendo oprimidos (as) no corpo e no coração, dentro e fora, em sentido individual e comunitário e com a Natureza: “Faze memória de que foste escravo (a) na terra do faraó opressor e que o Senhor, teu Deus te fez sair de lá... por isso que o Senhor, teu Deus te ordenou guardar o dia da Shabbat” (Dt 5,11).

Para o Rabino Yakoow (2019, p. 16) “a santidade do Shabat é a fonte de toda santidade no mundo. Antes do primeiro Shabat, o mundo material não tinha espiritualidade. Sem uma força vital, eventualmente se desintegraria, assim como o corpo do homem se desintegra a partida da alma. Assim como Hashem deu a vida ao homem dando-lhe uma alma, Ele deu vida ao mundo físico dando-lhe a santidade e a espiritualidade do Shabat. Sem o Shabat, sua alma, ele não poderia existir.”.

Yakoow (2019, p.18) ainda explica que a santidade do Shabat está conectada aos três aspectos da criação: olám (mundo), shaná (ano) e Néfsh (alma). O Shabat abrange os três elementos, espaço, tempo e espiritualidade em um ponto extremamente poderoso e sua santidade é naturalmente sentida por quase todo judeu.

Desse modo como o Templo marca um espaço, o Mandamento/Palavra/Instrução da Shabbat marca um tempo e o consagra a Deus. O seu incentivo é exclusivamente teológico: a Memória da festa Criação. A Palavra Shabat é elaborada de maneira positiva, não faz imposições de práticas culturais e está no centro do Decálogo. Proclama que Deus, o Criador descansou no sétimo dia e, assim, o ser humano necessita imitá-lo, cessando seus afazeres e descansando também. A instituição da Shabat não se define exclusivamente em uma obrigação de memória, mas, como um período espiritual de *imitatio Dei*, o ser humano aprende a renunciar a tudo e a celebrar.

O parar e descansar no Shabat são uma participação na atitude de parar e descansar do Criador. É plenamente possível analisar no conteúdo lexical que aparece sublinhado no texto de Gn 2,1-3:

Assim foram concluídos os céus e a terra, com todo o seu exército. Deus concluiu no sétimo dia a obra que fizera e no sétimo dia descansou depois de toda a obra que fizera. Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou depois de toda obra de criação.

Guardar o Shabat para os judeus significa retificar e aperfeiçoar seu mundo físico e os mundos espirituais superiores.

Nesse sentido no Shabat “nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu escravo, nem tua escrava, nem teu animal, nem o estrangeiro que está em tuas portas e toda sua casa” (Ex 20,10), fará trabalho de qualquer espécie, e se todos e todas cessam de trabalhar, logo a terra também para e também descansa. E nessa volta para a Criação (Ex 20,8-11) e para a Libertação (Dt 5,12-11), anunciadas no ensinamento do Sétimo Dia (Shabat).

Dessa forma, observa-se que, na mesma instrução divina, temos de início duas “surpresas”: dois verbos diferentes que começam a mesma ordem divina: Ex 20,8, ‘Lembrar’ e Dt 5,12, ‘Guardar’. Essas duas “surpresas” foram e são trabalhadas pela Liturgia sinagoga de maneira profunda e encantadora. Para Lenhardt (2020, p. 41-42), “a função do shabbat é claramente definida no decálogo”, onde assumirá o “memorial da criação” e o memorial da “saída do Egito”. Ao celebrar a entrada da Shabbat, a bênção do quidush proclama sua santidade e confirma sua função nas 10 Palavras ou Decálogo: “o shabat é então denominado ‘memorial’ (zikaron) do ato do começo (isto é, da Criação) e ‘memorial’ (zekher) da saída do Egito” (LENHARDT, 2020, p. 44). Desses dois verbos derivam muitas outras interpretações presentes no Midrash (Interpretação ou Hermenêutica) e na Avodá (Liturgia).

A Shabbat é um dia colocado à parte pelo Senhor, pois é santo, logo aquele que o santifica participa da santidade de Deus. O parar todo o trabalho (cf. Ex 20,10b) é a aparência negativa de uma ação positiva de consagração/ação de separar da parte do ser humano, que se assemelha na ação divina primordial de separar o sétimo dia.

Para quem possui pouco conhecimento as leis do Shabat são abundantemente complexas, exigindo estudo minucioso. Possui uma infinita riqueza de detalhes que equivalem a uma vida de sabedoria e até para aqueles que têm guardado o Shabat por anos acabam por descobrir que sempre há mais a ser aprendido sobre o tema.

Cozinhar, praticar jardinagem, lavar roupa, assar ou ascender fogo, são ações proibidas no Shabat e indicam que se deve organizar sua rotina com antecedência para aí sim celebrar o Shabat integralmente, em paz e com tranquilidade.

No Shabat não se pode carregar ou transferir objetos entre um “reshut hayachid” (domínio particular, fechado, como uma casa); e um “reshut harabim” (domínio público, como a rua). São exemplos dessa proibição carregar alguma coisa na mão e até mesmo empurrar um carrinho de bebê.

Os princípios de Memória e Criação estão presentes nas orações do dia da Shabbat onde “Deus é louvado pelo dom do shabbat, ponto culminante, lembrança e imagem do esplendor da criação” (DI SANTE, 2004, p. 199). O mesmo acontece também, na liturgia, relacionadas às noções de memória e libertação. Tanto em orações e hinos do dia da Shabbat, como na poesia litúrgica, um canto místico: Lekha Dodi (vem, meu amado!), onde a esposa/Shabat é expressão de Salvação e de Redenção.

Em Ex 20,11, da mesma forma, que em Gn 1,22-28, a bênção de Deus se apresenta fecunda, na palavra do Shabat, que é dia santo. A bênção divina potencializa o cessar- repousar do Shabat com força vital fecunda e fecundadora. “Dessa sorte, deduz-se que abençoar é sinônimo de santificar, mas também, o dia do cessar-descansar é um dia de bênçãos divinas e fonte de vida para todos aqueles e aquelas que o guardam”⁸⁸. A bênção, originada no Criador é, então, algo concreto que floresce e multiplica.

O Shabbat é a arte de celebrar e de viver, e possui suas raízes em Deus, o Criador. O Criador “tirou” o ser humano do nada. Logo, fazendo isso, Deus tornou o ser humano livre do “não-ser”, para ser ao jeito Dele e na história caminhando para um futuro.

O dia de cessar seus afazeres, parar o trabalho e repousar, é dia abençoado e santo, e é assim que o ser humano toma consciência de sua responsabilidade enquanto ser criado para cuidar do (a) próximo (a) e do mundo: nossa Casa Comum.

⁸⁸ Cf. F. DATTLER, Gênesis, p. 37.

4. **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das reflexões ao longo do trabalho pode-se chegar facilmente a uma ligação possível entre o Shabat (Sétimo Dia) e o Domingo (Dia da Ressurreição). Embora, de início, demonstrem existir controvérsias sobre o ensino da observância da Shabbat nos textos neotestamentários (Mc 2,23-28) entre Jesus (ensino cristão) e o fariseus (ensino judaico).

Shabbat ou Domingo nos remetem à ação libertadora de Deus junto a seu povo. Os verbos guardar e lembrar que estão interligados à ação para santificar, deixam-nos atentos “à vida nova e definitiva do homem inteiro após a morte, no mundo a vir, do qual o shabbat, neste mundo, é o sinal e a antecipação real. A ressurreição está, por assim dizer, no interior do shabbat” (LENHARDT, 2020, p. 43)

É fundamental e merece destaque a ideia de continuidade e não de substituição, no que se refere ao movimento entre Shabat e o domingo. O Sábado é mais do que uma instituição no Judaísmo, é a instituição da religião judaica.

O Shabbat orienta a Memória para a origem e o Domingo evoca o futuro. Ambos se complementam.

“Nas pregações dos Padres ou Primogênitos da Igreja: O domingo, além de ser o primeiro dia, é também ‘o oitavo dia’, ou seja, situado, relativamente à sucessão septenária dos dias, numa posição única e transcendente, evocadora não só do início do tempo, mas também do seu fim no ‘século futuro’” (PAULO II, 1998, p. 24-25).

As religiões judaica e cristã apresentam relações tão intensas que uma influencia diretamente a outra. Com o passar do tempo o cristianismo vai lentamente se desligando e rompendo diversas conexões.

O cristianismo, por sua vez foi marcando seus dogmas, e o rigor judeu foi disseminado com o tempo; com isso o importante marco do sábado judeu foi alterado pela política cristã romana que diferenciava dos judeus, assim os cristãos tiveram sua própria característica tendo o domingo cristão, marcas evidentes entre o judaísmo e cristianismo.

A observância do Shabbat foi assumida plenamente por Jesus em sua Ressurreição. Conflitos sobre a observância da Shabbat é comum nos textos neotestamentários. Simplesmente em razão de sobrevivência dos grupos. Se, de uma forma, temos o Judaísmo que busca resgatar sua identidade, de outra, temos o Cristianismo procurando construir sua identidade. Nesse sentido, é compreensível o embate entre interesses contrários dos grupos, ainda que se mantenham princípios comuns a ambos.

O domingo, ao mesmo tempo em que renova o mistério pascal de Cristo, busca com esperança sua vinda gloriosa. Cada domingo é uma esperança que leva o cristão para um “porvir” tenso e esperançoso. O domingo é a festa maior, e, em certo sentido, é a antecipação da festa final, quando a Igreja celebrará eternamente a vitória de Jesus.

Essa presença de Cristo e do seu mistério pascal sempre atualizado nutre a esperança dos cristãos. Deus, sempre presente na história do seu povo, permite a participação do seu povo na páscoa de seu Filho amado.

Cristo Jesus Ressuscitado é luz e vida, princípio ativo de renovação e de toda a história. Jesus renova sua atuação na proclamação da Palavra e na celebração dos sacramentos. É por essa razão que todos os sacramentos conectam-se ao inteiro mistério de Cristo e estão ligados à Eucaristia como apogeu e fonte.

5.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Gilvan Leite de. História da festa Judaica das tendas. Paulinas: São Paulo, 2011

ALDAZÁBAL, J. A Eucaristia. Petrópolis: Vozes, 2012.

BÍBLIA – Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Ed. Paulus, 2012.

BEOZZO, J, O., A Igreja após o Vaticano II. Revista Vida Pastoral. Nov/dez, 1985.

BERGAMINI, A. Cristo Festa da Igreja. O Ano Litúrgico. São Paulo: Paulinas, 2004.

CONSTITUIÇÃO Sacrosanctum Concilium. Sobre a Sagrada Liturgia. In: Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações. 29. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p. 259-306.

CORBON, J. A fonte da liturgia. Inst Miss. Filhas de São Paulo: Paulinas, 2016.

COSTA, V, S., Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação. São Paulo: Paulinas, 2005.

EPHRAÏM. Jesus, judeu praticante. São Paulo: Paulinas, 1998.

GERHARDS, A.; KRANEMANN, B. Introdução à Liturgia. São Paulo: Loyola, 2012.

GRENZER, Matthias. O projeto do êxodo. 2ª ed. Paulinas, São Paulo, 2007.

GROSS, Fernando. O ciclo de leituras da Torah na Sinagoga. 2ª ed. Loyola, 2015.

GOODMAN, Martin. História do judaísmo. Crítica, 2020.

GRUNFELD, Isidor Dr. O que é respeitar o shabat? Brochura, 2005.

HARRIS, R. L.; ARCHER, G. L.; WALTKE, B. K. Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento. Verbete tbv, p. 1521. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HESCHEL, J. Abraham. O Schabat- Seu significado para o Homem moderno. Ed. Perspectiva, 2004.

HIPÓLITO DE ROMA. “Comunhão e Jejum”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

HILLEL, Y. Rabino. Shabat – A alma da semana. Associação Beneficente e Cultural Makom, 2019.

LENHARDT, Pierre. À escuta de Israel, na Igreja. Porque de Sion sai a Torá e de Jerusalém a Palavra do Senhor. Tomos I e II. São Paulo: CCDEJ; Fons Sapientiae, 2020.

MOLTMANN, J. Jésus: le messie de Dieu, Paris: Seuil, 1980

PAULO II, João. Dies Domini. Carta apostólica sobre a santificação do domingo. São Paulo: Paulus, 1998.

PINCHASSI, S. Rabino. Shabat – O que, como e quando falar. Ed. W-edith

PINKUSS, F. Rabino. O nosso Shabat, na Sinagoga, no Lar e no Matrimônio. Ed. Congregação Israelita Paulista, 1976.

SANTANA, R. Luiz Fernando. A liturgia das horas como memorial de Cristo e Santificação do Tempo. Ed. N/d, 1999.

SANTE Di C., Liturgia Judaica. Fontes. Estruturas, Orações e Festas. São Paulo: Paulus, 2004.

ZANON, D. Para ler o Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2012.

ZILLES, U. Os sacramentos da Igreja Católica. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.